

O trajeto freudiano que investiga a função da dor na constituição da vida psíquica é pontuado pela guerra e pelo desvendamento da pulsão de morte. Sob mais de uma forma, ele reaparece neste número em que, como no anterior, há referência, em um dos textos, ao fenômeno da insensibilidade à dor em relato da clínica psicanalítica. A hora em que vivemos pode ser sugerida por um relato de correspondente, em Kabul, de um jornal do cotidiano, a respeito da disposição dos afegãos de acolher com seus últimos recursos o conterrâneo refugiado ou retornado e de sua concomitante insensibilidade diante de mutilações e execuções de outrem. Haveria aí possibilidade de estabelecermos diferença, ainda que imprecisa, entre existência e sobrevivência?

Se nossa imagem do mundo é indissociável da que traz a guerra dita *contra o terror*, o que pode a psicanálise para além da decepção, da indiferença e de formas de insensibilidade à dor? No ano passado em Paris, no encontro de psicanalistas denominado Estados Gerais da Psicanálise – como podemos acompanhar em *Leituras* – o filósofo Derrida desafiou a psicanálise a enfrentar um *além do além* da pulsão de morte, a questão da crueldade.

Nesta *Percurso*, o artigo que traz o exemplo clínico

citado também aponta o modo pelo qual, em Freud, os afetos equivalem à metabolização da dor junto ao outro como integrando um processo que possibilita pensar e “trilhar caminhos na realidade e no real da vida compartilhada com os outros, da cultura”. Outro texto põe em destaque o caráter trágico do modelo de aparelho psíquico construído por Freud, que nos permite reconhecer na pulsão “uma espécie de agente traumático no interior do próprio sujeito”. Um outro ensaio relembra os textos de 1915 – “A decepção diante da guerra” e “Nossa atitude em relação à morte” –, os efeitos que tem a guerra de abalar nossa atitude diante da morte, transtornada pelo testemunho da carnificina, e de nos forçar a admitir que “o primitivo que persiste em nós ressurgiu intacto”.

Investigar e escrever não têm efeito imediato sobre a violência em sua crueza. Mas se o pensar provém da dor, do excesso pulsional e de decepções, é deste modo que a psicanálise se constitui. Com efeito, diante do estado de anomia, ela também pode ser sensível ao chamamento para o reduto da indiferença e do cinismo. Ela apenas se põe a serviço da sobrevivência do pensar, em meio à turbulência. Aceita o desafio de se posicionar no entrecruzamento do que parece inconciliável, as paixões e a civilização.